

te, que pretendia ter um caso amoroso com o cura local. Macette também foi presa e torturada no ecúleo, fazendo também sua confissão. Só não se explica por que Jehane teria enfeitado Ruilly para depois salvar-lhe a vida. Jehane e Macette foram executadas. Certamente houve muitos casos de bruxaria branca — aplicação natural de “poderes ocultos” — que levaram à tortura e à execução. Em 1618, um vagabundo chamado John Stewart teve uma visão de um navio naufragando perto de Padstow, na Cornuália. Na época da visão ele se encontrava em Irvine, na Escócia. Quando chegaram as notícias do naufrágio real de um navio em Padstow, ele foi preso e acusado de possuir o dom da premonição. Uma mulher que havia rogado pragas para alguém que se encontrava a bordo do navio também foi presa, como bruxa, e depois de torturada implicou mais duas mulheres e a filha de oito anos de uma delas. A criança confessou ter visto um cão demoníaco emitindo luz no momento em que sua mãe e Margaret Barclay, a acusada principal, moldavam figuras de cera. Margaret Barclay foi estrangulada e queimada na fogueira, embora houvesse retirado a confissão que lhe fora extraída sob tortura. Uma das mulheres que ela acusou morreu ao cair do telhado da igreja, quando tentava fugir pelo campanário. Outra “confessou”, mas retirou a confissão e no fim recusou-se a perdoar seu algoz. John Stewart conseguiu estrangular-se com fita de seu próprio chapéu quando esperava a hora de ser executado.

Após a publicação de *Malleus Maleficarum* em 1486, a recente invenção da imprensa desempenhou importante papel na expansão da caça às bruxas. Qualquer escritor de imaginação rica conseguia alcançar a fama com uma descrição dos demônios evocados por bruxas. O Professor Trevor-Roper assinala que a maioria desses “demonologistas”, responsáveis por incalculáveis sofrimentos, eram inofensivas figuras acadêmicas. Rémy, por exemplo, era poeta e historiador, mas ao morrer, em 1616, havia mandado cerca de três mil vítimas para a fogueira. Boguet e De L'Ancre eram pacíficos eruditos latinistas.

A caça às bruxas foi tão horripilante e generalizada que superou a imaginação. Se já não é fácil compreender como pôde Hitler assassinar seis milhões de judeus em menos de dez anos, torna-se impossível imaginar uma campanha de tortura e assassinato que durou quatro séculos. É certo que as execuções levadas a cabo pela Inquisição se davam em escala menor do que as atrocidades cometidas pelo nazismo, mas não se deve esquecer que as bruxas eram torturadas individualmente. Rossell Hope Robbins verbera indignado: “O registro do período da caça às bruxas é brutal e horripilante. A degradação asfixiava a dignidade, e as mais abjetas paixões eram acobertadas pelo manto da religião. O intelecto era distorcido para que o homem fechasse os olhos à bestialidade que até mesmo os Yahoos de Swift se recusariam a cometer. Nunca tantos agiram de modo tão errado durante tanto tempo (. . .)” Mas depois de umas dez páginas de sua *Encyclopedia of Witchcraft*, o leitor sente que essas palavras são até suaves demais.

Para tais atrocidades não pode haver um motivo único. Em parte as razões eram políticas: alguns países viviam sob dominação protestante e depois

católica, e quando a Igreja pretendia punir uma população protestante mandava logo seus inquisidores dominicanos. A reconquista católica provocou a eliminação de muita gente na Renânia, em Flandres, na Polônia e na Hungria. Era como a Igreja se vingava dos protestantes. A Inquisição também podia ser usada por príncipes ou barões, como método de se vingar de indivíduos revoltosos — um método seguro, pois não provocava novas rebeliões.

Mas as motivações psicológicas são igualmente importantes. O início da caça às bruxas coincidiu com a Peste Negra e com a Guerra de Cem Anos. Quando existe miséria e opressão, a violência se transforma em necessidade psicológica. E a violência está sempre associada a sexo, particularmente em sociedades puritanas e repressivas. As bruxas são forçadas a confessar relação sexual com demônios, e são minuciosamente examinadas por inquisidores ávidos por encontrar a marca das bruxas (uma pinta insensível à dor). Franz Buirmann, nomeado caçador de bruxas pelo Príncipe-arcebispo de Colônia na década de 1630, usava notoriamente o cargo para seduzir mulheres que por outros meios lhe seriam inacessíveis. Uma certa Frau Peller, que repeliu sua aproximação, era esposa de um consultor da corte. Buirmann agiu depressa: ela foi presa de manhã e à tarde já era torturada. Raspam-lhe o cabelo e todos os pêlos do corpo, sendo permitido ao ajudante do torturador possuí-la enquanto a raspava. Buirmann, presente à tortura, enfiou-lhe um trapo sujo na boca para abafar os gritos. Frau Peller foi queimada viva numa palhoça cheia de palha seca, tudo em questão de horas. Buirmann fora colocado numa posição em que tinha condições de pôr para fora suas sádicas fantasias sexuais. O fato parece extraído das páginas de um romance de Sade.

Com tudo o que se falava de demônios, assembléias de bruxas e torturas, mais o cheiro da carne humana a queimar nas fogueiras, a bruxaria se tornou uma obsessão de sombrios atrativos. O equivalente de hoje seria o crime sexual com extrema violência, quase sempre seguido de crimes semelhantes e confissões de pessoas excêntricas. O assassinato de Elizabeth Short, a Dália Negra, praticado em Hollywood em 1949, foi seguido de seis crimes semelhantes na área de Los Angeles e de 29 confissões do mesmo crime. A natureza particularmente horrenda do assassinato — ela fora pendurada de cabeça para baixo, torturada e depois cortada ao meio — garantiu notícia de primeira página durante semanas seguidas. Homens solitários, matutando com os jornais à mão em suas pensões asfixiantes, por fim começaram a considerar a hipótese de arriscar. Da mesma maneira, mulheres solitárias e entediadas como Isobel Gowdie, levando uma vida acanhada e desamparada, achavam fantásticos e muito fascinantes os lúgubres folhetos que falavam de sexo com demônios. E como acreditavam na existência de muitíssimos demônios invisíveis no ar, não demoravam muito para se convencerem de que seus desejos logo seriam do conhecimento do Diabo. Um sonho erótico bastava para confirmar tudo.

Mas por que tudo isso aconteceu depois da Reforma? A Idade Média pode ter representado o período da fé, mas também foi uma época de guerras, pobreza, pestes e crença em demônios. Havia todas as condições. Exceto uma: a